

Tornar-se autor de si mesmo: a inserção do próprio autor na produção científica

Becoming the author of oneself: the insertion of the own author in scientific production

MARIA LÚCIA TIELLET NUNES*
ANA CLÁUDIA SANTOS MEIRA**

RESUMO – Este trabalho tem como objetivo compreender o significado interno que pauta a forma como são escritos os trabalhos científicos. Esta forma pode constituir-se como um recorte e colagem de outros autores, ou pode apresentar – como sujeito central – o próprio autor que o redige. A primeira forma resulta num texto anônimo, em que aparecem as idéias alheias e muito pouco da participação do autor. A segunda forma já o coloca como o personagem principal que, com suas próprias idéias, produz um texto criativo e de mais qualidade.

Descritores – Trabalhos científicos; autoria.

ABSTRACT – This paper aims at understanding the inner meaning that characterize the way how the scientific papers are written. This way can constitute itself as a copy of other authors, or can present – as the main subject – the very author that writes it. The first way results in an anonymous text in which the alien ideas and little of the author's participation show up. The second way now places him as the main character who, with his own ideas, produces a creative and more qualified text.

Key-words – Scientific writing; authorship.

*Ir-se à procura de algo diferente,
guiado pelo desejo de encontrar o novo,
o inusitado, o sequer por nós suspeitado,
o original porque descoberta nossa,
isso é pesquisar (MARQUES, 1998, p. 92).*

* Doutora em Psicologia Clínica, Coordenadora do Pós-graduação em Psicologia (PUCRS), Coordenadora do Grupo de Pesquisa "Avaliação e Intervenção em Psicoterapia e Psicossomática", do Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUCRS.

** Psicóloga, Especialista em Psicoterapia (ESIPP), Mestre em Psicologia Clínica (PUCRS), Doutora em Psicologia (PUCRS). E-mail: ana.meira@uol.com.br

Artigo recebido em: setembro/2003. Aprovado em: agosto/2004.

Educação

INTRODUÇÃO

A escrita de trabalhos científicos faz parte do currículo da maioria dos cursos de graduação e pós-graduação. Falaremos a partir de nossa área – a Psicologia – mas não será difícil identificar que os aspectos abordados neste artigo estarão tão presentes em outros cursos como neste. Não obstante a exigência curricular e a frequência com que escrevemos, observamos que tal atividade não vem combinada com sentimentos positivos; pelo contrário. Junto aos mais carregados sentimentos em relação à produção científica – desconforto, sofrimento, angústias – vemos uma tendência à confecção de textos anônimos, *sem rosto*, no sentido de que se constituem mais em recortes de muitos autores citados do que uma produção do próprio autor que o redigiu.

Este trabalho tem como objetivo compreender mais profundamente os mecanismos envolvidos no processo da escrita, que elementos externos e internos dificultam o caminho e até impedem uma produção mais elaborada. Para isto, buscamos a escuta e a voz de interlocutores: colegas de Pós-graduação, que foram convidados e – literalmente – conectaram-se à nossa proposta. Os diálogos sobre o tema em questão foram processados via internet, através dos *e-mails* pessoais, que levaram e buscaram – através de perguntas e respostas – o pensar de cada um.

Pretendemos refletir e mostrar a importância da inserção do próprio autor do texto em sua produção científica, como escritor de suas próprias idéias, transmissor de seus próprios conhecimentos, defensor de suas próprias opiniões, criador de suas próprias concepções. A Análise de Conteúdo das verbalizações destes colegas interlocutores dão a forma a este texto; os escritos, as opiniões, e a voz de cada um e a das próprias autoras do trabalho, dão a cor.

A PRIMEIRA RUPTURA NO EXERCÍCIO DO ESCREVER: CONSTRUINDO UM NOVO MODELO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

O exercício do escrever está inserido em um paradigma que abrange um contexto mais amplo: o da aprendizagem como um todo. Aprende-se a escrever de um jeito que se acomoda muito bem no tipo de aprendizagem proposta pelas instituições de ensino atual, paradigma este que já ocupou seu lugar bem demarcado na mente dos indivíduos. Por isso, o gosto – ou o desgosto – em escrever, bem como a facilidade e a qualidade de escrita que se tem, acabam por ficar profundamente contaminados com a formação e o modelo que são seguidos.

Cada vez mais, especialmente no meio acadêmico, faz-se urgente a necessidade de ruptura com modelos de aprendizagem passiva, em que o aluno se limite a cumprir tarefas.

Educação

Demo (1997) considera que não se pode mais conceber a aquisição do conhecimento sem um questionamento sistemático crítico e criativo, que eleva a participação do indivíduo de objeto de aprendizagem a agente de seu próprio saber. É neste novo paradigma que, segundo ele, se insere a necessidade da elaboração própria e de uma constante reelaboração na produção científica, na mesma medida com que a simples cópia e as repetições automatizadas vão perdendo seu espaço.

Uma aprendizagem genuína passa necessariamente por um fazer reflexivo, que deve substituir um fazer automatizado, no qual o aluno simplesmente cumpre as tarefas exigidas pelo professor. Como verbaliza um dos sujeitos que fizeram parte deste trabalho: “era nota dez em tarefas. o processo exigia muitas tarefas e eu as fazia todas [...]. a descrição de como eu me comportei parece que deixa clara a necessidade de ruptura com um modelo de aprender, de ensinar e de ver o professor”.

A decisão de assumir-se como sujeito da própria aprendizagem e da própria produção passa por um processo, uma vez que, para isso, é necessário que se abandone um paradigma há muito firmado dentro de si. Somente após a renúncia de um antigo padrão, aprendido e exercitado na escola e, muitas vezes, até na universidade, é que se abre espaço internamente para a instalação de um novo modelo de aprender.

A mudança nesta visão de aprendizagem requer que o indivíduo circule com seus próprios pensamentos, de modo a realizar uma síntese interna e própria dos mesmos. Requer, além disto, um empenho pessoal no sentido de que uma aprendizagem verdadeira significa a construção de uma autonomia do pensamento.

A questão da dedicação e do empenho é fundamental, pois uma aprendizagem ativa exige mais esforço do indivíduo. É certamente mais confortável postar-se em um lugar passivo de recebimento e incorporação de conhecimentos fornecidos por outrem. Será, no entanto, mais enriquecedor?

Este caminho na busca e na construção por uma aprendizagem de qualidade passa por um alto comprometimento tanto do aluno que se insere neste processo com um pensamento crítico, como do professor que o acompanha numa parceria de diálogo e cooperação.

O DIÁLOGO ENTRE O AUTOR DE SI MESMO E OS OUTROS AUTORES: O LER E O PENSAR DE FORMA MAIS CRÍTICA

A leitura crítica do texto de um livro ou de um artigo, realizada como ato preparatório e auxiliar ao momento da escrita própria, convida o leitor a um percurso por si mesmo, dando voz a pensamentos que devem ser escutados e valorizados por este leitor.

Educação

Um dos sujeitos que foram escutados descreve este processo de deixar circular os pensamentos, até que tomem forma dentro da mente: “quando me proponho a escrever um texto cujos conceitos a serem dissertados são complexos, olho para a minha ‘tela mental’ e vejo que filme está passando. Frequentemente, a imagem que está ali passa a ser a minha metáfora, a qual me ajuda a compreender melhor os conceitos de que vou tratar e que tenho - por dever de quem escreve - que tentar contribuir para a compreensão do leitor virtual e do leitor real [...]. Outras vezes, fico com as idéias sobre as quais tenho que escrever perambulando na minha cabeça, como almas perdidas e, de repente, surgem as idéias prontas ou praticamente prontas. É o *insight*”.

Dentro de si, este diálogo consigo mesmo se inicia e prepara para um diálogo com outros autores, os que estampam seus pensamentos em um livro ou em uma revista científica.

O ler deixa de ser a tarefa de passar os olhos por letras que formam palavras, que formam frases. Constrói-se um ler participativo, em que se dialoga com o autor do texto, como se na sua presença estivesse. O relato de outro sujeito retrata esta questão: “acho muito difícil escrever sem que se escolham alguns parceiros para ter em quem se apoiar. Nesta busca de parceiros teóricos, tive outra aprendizagem com relação à qualidade da leitura. Existem vários modos de ler, mas para ter um parceiro na hora de escrever é preciso ter dialogado com este parceiro. Ou seja, é preciso ler o texto e contra-ler”.

Este exercício de troca com um autor ausente/presente exige o reposicionamento do leitor: ele não mais recebe a leitura simplesmente, mas movimenta-se a partir dela. Pensamentos, impressões, opiniões, concordâncias e divergências passam a tomar forma em sua mente e o leitor as comunica, então, a seu parceiro escritor.

Perceber que o tipo de leitura que se faz é aquela leitura em que, ao final, pode-se dizer que ‘o texto era bom’ – e nada além disto – leva obrigatoriamente à necessidade de mudança. Mas chegar a dar-se conta disto já constitui um início.

A partir daí, este leitor se transforma: passa de um nível de leitura superficial e vai à procura da qualidade argumentativa do texto, a um exame mais profundo do que cada escritor ou autor quer realmente dizer.

A leitura de outros autores para a posterior construção de um texto próprio, é um dos níveis que podem ser alcançados, sem grandes dificuldades, se diria. Saber, por outro lado, o que aquele autor realmente escreveu, coloca o leitor em outro lugar. Alcançar o patamar de uma leitura mais profunda, que gere pensamentos e questionamentos, há que ser o maior objetivo.

Educação

Uma leitura com participação do leitor traz o conteúdo do texto para dentro de sua vivência. O que está escrito passa a fazer sentido quando integrado ao conhecimento e à experiência prévios de quem lê. Será um conteúdo a ser internalizado, integrado, absorvido ao já existente, modificando-o e sendo modificado por ele, num movimento circular e interativo. Ler autores publicados põe em xeque as próprias posições do escritor, aquelas já anteriormente alicerçadas em seu rol de conhecimento e que, na presença de outros, sofre uma desestabilização.

A idéia muitas vezes ilusória sobre a necessidade de se esgotar a bibliografia acerca de um tema, através da leitura de um sem-número de livros e artigos, cede lugar à compreensão de que trabalhar profundamente sobre um assunto requer muito mais qualidade do que quantidade. Neste sentido, é mais produtivo ler e reler cuidadosamente um mesmo texto, do que realizar leituras rápidas e superficiais de muitos textos, que aumentarão, sem dúvida, o número de referências bibliográficas citadas no final do trabalho, mas terão acrescido quanto, no corpo do trabalho?

Marques (1998, p. 25) propõe um grupo maior de interlocutores que acompanham o escritor e que devem ser igualmente *lidos*, vistos e escutados, por aquele que se prepara para a incursão em sua própria escrita, além dos autores *oficiais* – os publicados:

O escrever é isso: interlocução. Quais os interlocutores nesse ato aparentemente tão pessoal, solitário, reservado, silencioso? Os possíveis leitores que, parecendo tão distantes, já me estão espionando, indiscretos e metidos; os amigos a quem vou mostrando o que escrevo; os muitos autores que vão enriquecendo a listagem de minhas referências bibliográficas, os que estão com a mão na massa das práticas que busco entender. Por fim, porque influenciado por todos os demais, eu, escrevente em diálogo comigo mesmo e, ao mesmo tempo, primeiro da fila (em vez de ficar tranqüilo em meu canto).

Todos estes interlocutores igualmente põem o escritor a pensar, a partir de um diálogo levado a termo, mas nem sempre em voz alta.

O momento da interpretação do que se lê e do que se escuta precede o exercício da escrita. É o momento em que se constroem novas compreensões a respeito do tema, integrando conhecimento antigo e novo, próprio e alheio, para formar internamente uma percepção do conjunto do que se estuda. Não é um processo de simples agrupamento de informações, mas algo complexo e criativo, em que as opiniões dos autores vão fazendo diferença nas posições pessoais que se tem, no sentido de acrescentar, de modificar, de contradizer, de desafiar. Um dos sujeitos contatados refere que: “a interpretação exige muito esforço do pesquisador, pois exige abstração, criatividade, perspicácia, entre outras coisas. É o momento em

Educação

que o pesquisador dará sua contribuição, no sentido de fazer avançar a teoria já existente. Para mim, este é o momento mais difícil do trabalho”.

É neste momento – e a partir de um trabalho de reflexão e criação, de argumentação e contra-argumentação – que entra em cena o escritor, com sua própria contribuição para o tema.

O AUTOR DE SI MESMO: ESCREVER DE FORMA MAIS CRÍTICA

Marques (1998, p. 26) versa sobre o escrever como um ato inaugural: não apenas uma transcrição do que já se tem em mente, do que já foi escrito ou dito por alguém, mas como a inauguração do próprio pensar, pois “escrever como provocação ao pensar, como o suave deslizar da reflexão, como a busca do aprender, princípio de investigação”.

Para este autor (p. 26), no escrever se estabelece um diálogo que mobiliza a ação da escrita, em “uma amplificação de perspectivas, abertura de novos horizontes, construção de saberes novos”.

Um dos sujeitos faz uma diferença entre um processo de interlocução interna e outra externa, embora ambas sejam fundamentais neste processo de produção de escrita: “só posso falar em argumentar tendo em vista o outro. É o outro que valida ou não a minha argumentação. Quando o outro sou eu mesmo, chamo de raciocínio. Ou seja, raciocinar não deixa de ser o processo de argumentação que faço comigo mesmo. Assim, raciocínio é interno, é velado, é secreto, é esotérico. A argumentação é externa, é aberta, é pública, é esotérica. Só posso validar meu raciocínio na comunidade de comunicação quando transformá-lo em argumento”.

Este diálogo com o outro, no entanto, é assustador. Mostrar-se na escrita para os leitores que terão acesso livre ao que se resolveu defender é ato de coragem, na medida em que, desde a escrita, eles pairam sobre o escritor, marcando sua presença, ainda que invisível, como fantasmas.

Para Marques (1998, p. 38), este é um dos complicadores no processo de assumir-se na própria escrita, “esta presença à distância, oculta, tácita e, por isso mesmo, desafiante, perturbadora, angustiante. Aí está a razão das inibições, dos titubeios, dos jogos de esconde-esconde, dos pseudo-ocultamentos do escrever”.

O processo de escrita se inicia justamente no momento em que se supera o medo, em que este processo que é interno ganha direito à expressão e é posto à prova. E talvez resida aí também o momento de maior dificuldade daqueles que se põem na função de escrever. Nas palavras de um dos participantes do estudo: “eu fiz um movimento do que pensam os outros – sem que eu soubesse dizer muito sobre o que eles pensavam e sem pensar muito também sobre o que eu pensava –

Educação

para um pensar fundamentado. hoje eu acredito que o movimento de construção da qualidade formal e científica de um argumento, revelado pelo escrever, precisa ocorrer a partir do que cada sujeito pensa e isto ir se tornando mais validado com a escolha de parceiros teóricos durante este processo”.

Existe, pois, um caminho a ser trilhado, que vai desde a escrita mecânica, seca e, por isso, sem vida; até uma escrita com um rosto: o do escritor, seu dono, seu autor – que não se furta de aparecer.

Demo (1997) propõe cinco níveis de escrita no processo de criação de uma produção científica. O nível inicial é denominado por ele de interpretação reprodutiva. É a cópia que simplesmente resume as idéias dos autores. No segundo nível, o escritor reescreve o texto com suas próprias palavras, não apenas em um movimento de síntese tipo resumo, mas conferindo-lhe um formato interpretativo, que é pessoal, criativo e crítico. O terceiro nível já é de reconstrução, no qual o escritor pode questionar o que existe na literatura e expor uma proposta defendida pessoalmente.

O quarto nível define-se como construção, no sentido de que se abrem novos caminhos, novos ângulos de visão nos já existentes. A capacidade construtiva toma o que já existe apenas como ponto de partida, matéria para discussão, base de questionamento posterior, para reconstruir outros caminhos, já sob desenho e formato próprios. E o quinto nível é o de criação e descoberta, no sentido da introdução de novos paradigmas metodológicos, teóricos, ou práticos. Uma vez alcançado, o escritor pode questionar, opor-se frontalmente à existência de paradigmas, inventar novas fronteiras e arrebentar limites vigentes, perseguindo o novo como tal.

Na inauguração de um caminho produtivo, afirma Demo (1997), o primeiro passo é o domínio das explicações vigentes e seu questionamento. Significa que o escritor vai inquirir as teorias disponíveis, os autores importantes, as discussões e as polêmicas relevantes. Em seguida, pode formular o desafio da explicação argumentada, ultrapassando peremptoriamente a mera descrição, transcrição e reprodução. Trata-se, concretamente, de dar conta do tema.

Um movimento fundamental neste processo de crescimento e assunção é o de dar-se conta do não saber. Na medida em que percebe que o conceito que tinha do escrever não se acomoda mais no conhecimento adquirido ao longo da pós-graduação, torna-se premente o lançar-se e vencer o desafio de alcançar um nível superior na construção da escrita.

O começar a escrever é um processo gerador de grande angústia, uma vez que impõe ao sujeito o desconhecido: não se sabe bem o que se sabe, não se conhece o resultado final da escrita, não se domina a opinião alheia sobre o texto. O indiví-

Educação

duo, então, lança mão de medidas defensivas, que o protegem do confronto com o não realizado. Este aspecto fica claro na verbalização: “não conseguíamos produzir um texto pelo modelo que tínhamos do escrever. Precisávamos muita leitura para só depois pensarmos em começar a escrever. Nas discussões sempre discutíamos muito o pensamento de autores e não os nossos. Ou seja, o escrever vinha depois da leitura e assim nunca nos considerávamos suficientemente sabidos para escrever sobre um tema”.

A atividade de ler, realizada compulsivamente, visa – mais do que conhecer amplamente o tema estudado – evitar que se entre na tarefa principal: a de escrever. O material da leitura está pronto, é concreto, pode-se tocá-lo, vê-lo. O da escrita, ao contrário, não. Por um intenso exercício mental, está pronto na mente. Mas colocá-lo no papel?

A angústia e o terror de encarar de frente a folha em branco, em determinadas situações, são tamanhos, que eliminam uma das principais condições que facilitam a escrita: a liberdade. É ela – a liberdade – que fornecerá as condições primordiais para a *criação criativa*. Redundância? Sim, mas é para marcar bem a necessidade de a produção científica ser construída como uma criação quase artística, com o tom, a cor e a voz de quem a redigiu.

Um dos sujeitos chama de *escribir* à atividade de escrever sobre o que os diversos autores dizem, justamente para não precisar escrever sobre o que cada um – como autor de si mesmo – quer ou pode dizer. Para ele, “a resistência em escrever está em não conseguir enxergar o próprio pensamento para poder colocar no papel”.

Marques (1998, p. 27) *brinca* com este aspecto, no trecho:

Caminhar pelas próprias pernas é outra coisa. Como ainda outra coisa é construir caminhos caminhando. Trilhar os caminhos andados não é inventá-los. Loucura? Atravessamento? Sonho? Ilusão de menino que ainda não comeu mel? Liberdades que só o experimentado pode conceder-se? Julgue-o quem e como quiser. Mas que é divertido e gratificante, isto é. Quem sabe mais produtivo, ao final das contas?

Os sujeitos pesquisados concordam que a principal barreira a ser vencida é a de não se acreditar capaz de escrever um texto com qualidade. Passa-se, então, a enxergar idéias que sempre estiveram lá, mas que estavam obnubiladas pela resistência do escritor.

A escrita é mais um dos estágios através dos quais se alcança uma compreensão aprofundada das idéias de um autor, de um conceito ou de um tema. Ao escrever e reescrever, de forma ainda mais apurada do que no ‘ler e reler’, vai-se

Educação

adquirindo um conhecimento que não é mais só teórico e superficial. O conhecimento adquirido passa a fazer parte do arsenal que internamente se mantém.

Hernández (1998) considera que se faz uma reconstrução da teoria alheia, na medida em que, de sua análise, surge uma versão que é uma reelaboração entre a experiência alheia e a versão personalizada da mesma. Para poder integrá-lo, o escritor tem que retraduzir e reexpressar linguagem e gestos com suas próprias categorias mentais.

Moraes (2000, p. 4) compara o processo da escrita a uma caminhada ao alto de uma montanha, na qual o prazer em direção ao topo só é atingido quando cada escritor se assume como caminhante de sua jornada. “O caminhante rumo ao alto precisa ser ele próprio. É importante que faça seu próprio caminho, ainda que junto com seus companheiros. Seguir os próprios instintos e organizar o caminho de acordo com as próprias idéias é garantia do prazer da caminhada”.

Somente depois do exercício continuado da escrita, é que vai se delineando o estilo do escritor. Só, então, ele se reconhece no que escreve. Frente a uma produção de qualidade, não será mais pego de surpresa pelo escrito que ganhou vida: “Fui eu mesmo que escrevi?”. Saberá que sim!

COMENTÁRIOS FINAIS

No momento do rompimento com padrões antigos de passividade, rompem-se também outras amarras e nós: um escritor acostumado a escrever – mais propriamente *transcrever* – o que outros autores publicaram, descobre-se *agente* da própria produção. Não mais *sujeito*, um repetidor de saberes alheios, mas um protagonista do próprio saber, que, agora, pode ser valorizado.

Escrever um texto com a *cara* do próprio autor é isso: produzir um texto em que se está verdadeiramente inserido com suas próprias opiniões, suas críticas, divergências e concordâncias também.

Um texto de qualidade tem origem exatamente aí, no resultado de um processo de síntese que é interno, entre aquilo que foi encontrado na bibliografia publicada, que foi transformado pelo diálogo estabelecido com os interlocutores – visíveis e invisíveis – e que agora é conjugado em uma produção criativa, profunda e consistente.

Assumir-se como autor do próprio texto não é certamente tarefa fácil, pois implica nessas mudanças, que se dão na ordem do externo – da tarefa em si – mas na ordem do interno também. Significa exercitar a liberdade, em primeiro lugar; poder circular por dentro de si e dar voz a pensamentos e idéias normalmente mudos. Implica, posteriormente, em expor-se, mostrar o que se pensa, o que se

sente, o que se compreende dos temas a que se propõe a escrever. E assumir-se, pois.

Este texto encerra-se – por ora e até o próximo diálogo – com as mesmas palavras com que iniciou, com Marques (1998, p. 92), o de “ir-se à procura de algo diferente, guiado pelo desejo de encontrar o novo, o inusitado, o sequer por nós suspeitado, o original porque descoberta nossa, isso é pesquisar”.

Diremos que isto é escrever, também: poder transitar livremente por entre os escritos, as vozes, as falas, as cenas, que surgem dos livros, das bibliotecas, do computador, das conversas, dos grupos, dos colegas. E por dentro de si. E encontrar exatamente aí, *sabe-se lá o quê*. Desta busca e deste encontro, pode nascer o novo, a criação, a produção científica com um cheiro de arte, com um gosto de poesia e, agora, com o rosto do autor...

REFERÊNCIAS

DEMO, P. Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HERNANDÉZ, F. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MORAES, R. Rumo ao alto: aprendendo a caminhar e a apreciar o caminho. Porto Alegre, 2000 (Mimeografado).

MARQUES, M. Escrever é preciso. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 1998.